

POLO DE IMAGEM	DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA ANTONIO BERNARDO
-----------------------	--

Entrevistado Depoimento: Antonio Bernardo	Cidade Rio de Janeiro	Estado RJ	ÁUDIO: XX
EP () São Paulo () SLP()	Direção		Time Code ()Sim (X)Não
Responsável Transcrição Estação História	Data de Transcrição 08 de outubro de 2016		DAT ()Sim (X)Não

00:01 Antonio Bernardo: Um dia o homem primitivo estava andando pelo campo, quando viu um objeto brilhante e esse objeto era amarelo. Imediatamente ele associou amarelo quente, é um pedaço do Sol.

00:18 Ele pegou esse objeto e foi mostrar para a tribo dele o que ele tinha achado e todos ficaram absolutamente encantados, muitos queriam algo que poucos tinham.

00:45 Então Adélia, deixa eu te mostrar o que que é uma banca de ourives e algumas das características da banca de ourives. Uma das principais é essa peça aqui. Então o ourives quando está sentado ele apoia a peça aqui porque você precisa de apoio, e com a lima...ele pode trabalhar a peça.

01:11 Essa gaveta aqui ela nunca fechada, ela fica sempre aberta no colo de quem está trabalhando. Por que, quando você tá trabalhando com metal precioso você não quer perder o material. Então, se você lima, serra tudo que cai, cai aqui nessa gaveta e tudo é recolhido pra depois ser reutilizado.

01:34 Adélia: Antonio Bernardo é um dos mais reconhecidos designers de joias em nosso país.

01:40 Ele começou a atuar nos anos 1970 quando predominava as joias tradicionais, muito pesadas, não conectadas nem com o tempo e nem com o lugar em que eram feitas.

01:56 Antonio se preocupou em fazer peças flexíveis, leves, usáveis pra o movimento. A aparente simplicidade do design resulta de um profundo conhecimento dos materiais e técnicas da joalheria.

02:17 Antonio Bernardo: meu pai tinha um comércio de ferramentas pra ourives e relojoeiro. Ele tinha uma loja no centro da cidade onde o ourives quando precisava de uma ferramenta, porque são ferramentas específicas, ele ia lá e comprava a ferramenta pra poder trabalhar a joia. Então eu desde criança eu conheço essas ferramentas e sabia pra o que que elas serviam. E eu sempre tive um interesse muito grande pelo design e por arte. Mas eu na realidade fui estudar engenharia, porque eu também gostava dessa parte mecânica. Um dia eu desenhei um anel e pedi pra um dos que iam lá comprar as ferramentas, pedi pra ele fazer pra mim. Ai fiz um desenho que não era nem técnico e nem artístico, era um esboço. Quinze dias depois ele me trouxe esse anel e eu fiquei assim encantado, porque foi a primeira vez que eu vi assim produzir alguma coisa de concreto que eu tivesse imaginado.

03:21 O que que esse anel tinha de interessante, ele era um anel composto de dois anéis. Então você poderia colocar ele assim em oposição, em justa posição, podia colocar um em cada dedo. Era uma coisa que já tinha um aspecto de uma certa maneira lúdico.

03:39 E eu fiquei muito fascinado pelo resultado. Logo imaginei fazer outro e depois outro e depois outro, e aí começou o meu trabalho.

03:49 Adélia: desde aquele primeiro anel é frequente na trajetória de Antonio ele criar peças mutantes, deixando pra o próprio usuário a liberdade de terminar o desenho da joia em seu próprio corpo. É o que ocorre no anel Ciclos em que a pessoa pode encaixar o dedo em qualquer uma das três curvas do anel. Esse é também o exemplo de como muitas peças de Antonio adquirem uma forte tridimensionalidade, relacionando-se não apenas com o corpo de quem as usa, mas com o espaço ao redor.

04:31 Antonio Bernardo: num determinado momento eu fiquei preocupado, porque eu não fazia fazer a joia. Mas até que um dia eu tomei coragem e comprei uma banca de ourives, levei pra casa e eu comecei timidamente fazer as joias com as minhas...com as minhas próprias mãos. Como eu não tinha muita técnica eu comecei fazendo coisas muito simples, mas essas coisas simples me...me agradavam. As vezes eu ficava até desconfiado: será que não tá simples demais?

05:03 Eu tive que ver o trabalho, ele ganhou identidade a partir do momento em que eu comecei a fazer com as minhas próprias mãos, começou a ter meu estilo, meu jeito de fazer as joias. Eu tenho a mão assim um pouco nervosa, então se eu estiver num restaurante e pegar um guardanapo eu vou dobrar esse guardanapo ou torcer o guardanapo. Eu percebi que o que eu gosto mesmo é de manipular o material, sem começar com o projeto específico eu começo como uma experimentação e eventualmente eu encontro alguma coisa que eu acho interessante e que aí então eu vou transformar em joia.

05:41 Posso trabalhar com papel, com cera, trabalho muito com fios...

05:46 Um dia, provavelmente virando um anel; virando um anel é dando uma forma de anel, eu fui fazer isso aqui... eu olhei essas curvas e achei essas curvas interessantíssimas.

06:12 Olhei e disse: puxa, mas que forma linda. A gente olha, percorre ela o tempo todo. Vou fazer um brinco, e essa peça se tornou um brinco, um dos meus brincos de maior sucesso logo que eu comecei.

06:32 Na joalheira você tem pelo menos dois elementos básicos, que é o fio e a chapa. Eles são os tijolos de uma construção de uma joia.

06:49 Quando eu corto a chapa, no caso aqui é de cobre, o próprio material se curva. E eu vou explorando isso e transformando 2D em 3D.

07:12 Eu tenho uma certa...tenho uma certa...tenho uma certa mania.

07:18 Adélia: a experiência na banca de ourives dá a Antonio Bernardo um grande domínio técnico. Apenas com maestria é possível chegar a forma de espiral com tantas voltas concêntricas, sem abandonar a sutileza como se vê no anel Expande. No anel Fulget ele tira partido de uma característica do ouro, que é a sua capacidade de se dobrar sem se romper, assim o anel toma forma a partir de uma única chapa.

07:57 Antonio Bernardo: o anel quebra-cabeça para ele funcionar direito ele precisa que os eixos estejam perfeitamente alinhados e isso a tecnologia ajuda muito.

08:09 Eu não comecei essa peça querendo fazer um (possum?) ou um quebra-cabeça, que comecei essa peça querendo fazer uma peça que fosse composta de várias partes, mas realmente a gente entende que essa maneira que tem o quebra-cabeça de encaixe onde uma peça abraça a outra, é quase um caminho natural.

08:40 A parte mais difícil foi criar esse encaixe lateral. Essa peça aqui que é curva e que encaixa no seu dedo assim e ela não corre mais lateralmente, porque se ela sair lateralmente você desmonta o anel.

09:08 Esse é o anel Celebration, tem quadro pedras em tamanhos diferentes, então me lembrou fogos de artifício, então me lembrou a coisa da celebração. Aí tem coisas que só o ourives valoriza, porque sabe da dificuldade de fazer essa peça, porque ela só é possível fazer a partir de que nós... tivemos uma soldadora a laser. Você pra soldar o ouro você tem que dar muito calor, e você não pode então ter pedras porque o calor e a pedra eles não se dão bem, ele quebra a pedra; mas com o laser você consegue um calor muito intenso numa superfície muito mínima durante um intervalo de tempo muito pequeno. Então você consegue soldar o ouro mesmo tendo a pedra ali no lugar.

10:03 Bárbara Rodrigues Hermann - designer: Antes de nós estarmos fazendo a solda a laser a gente tem que proteger essa pedra ou dentro da água ou passar algum químico pra tentar proteger ou não...não soldar mesmo; você tinha que usar outros recursos e não podia fazer joias que utilizassem metal tão perto da pedra.

10:19 Adélia: Antonio Bernardo foi um dos primeiros designers brasileiros, e eu não estou me referindo só ao segmento de joias, a fazer um uso sistemático das tecnologias digitais em seus projetos.

10:32 Foi só pela possibilidade de escaneamento que ele conseguiu fazer uma réplica em miniatura de um dos ícones do design brasileiro; o banco Mocho de Sérgio Rodrigues transformando em pingente .

10:51 Antonio Bernardo: hoje em dia também temos a impressora em 3D, que também tem em cera, também abre outras possibilidade porque como uma impressora você pode fazer qualquer forma.

11:05 E temos também o laser que também veio nos ajudar nas soldas e veio também ajudar no corte e na gravação de chapas.

11:19 homem: antigamente era na serrinha e hoje a gente tem um processo muito mais rápido com a precisão de corte muito mais eficiente.

11:35 Antonio Bernardo:: então isso tudo agrega...a fabricação sem abrir mão da...da artesanaria.

12:04 A joia começou lá atrás, nem usava metais preciosos e nem nada. A joia era mais uma ...uma espécie de uma conquista. Um sujeito matava um animal e queria... se lembrar que matou esse animal ou mostrar pra outras pessoas que matou esse animal, então ele guardava aquilo do animal que se preservava ao longo do tempo, por exemplo um dente ou um osso. Eu acho que a primeira vez, a primeira joia ele amarrou isso no pescoço e aquilo ficou representando a valentia dele, a coragem dele e isso dava à ele poderes.

12:41 Acho que o valor material começou quando o homem descobriu o ouro.

12:52 A gente sabe muita história do homem a partir das joias que o homem fez lá no passado, e há 7.000 anos se faz joalheira, há 7.000 anos se trabalha o ouro.

13:06 Ao ouro sempre foi reservado uma posição de destaque, ligado ou a liturgia ou a objetos que representavam poder ou representavam coisas ligadas à magia.

13:23 Eu uso na composição clássica de 18 quilates que é em cada um quilo de metal tem 750 partes de ouro puro e 250 partes de liga. A liga foi criada pra que o ouro ficasse mais resistente, porque ouro puro é muito maleável, é muito macio. Essa liga pode ser qualquer metal, pode ser cobre se você quiser fazer que o ouro fique mais rosado, pode ser prata se você quer que ele fique mais esverdeado. Você também pode misturar ele com paládio e ele vira...ele fica branco. Ouro branco é uma liga, não existe ouro branco na natureza e inclusive tem uma joia que eu faço em que eu revelo essa liga, então é o anel chamado anel Liga...e esse anel Liga tem uma parte de ouro puro, uma parte de cobre puro e uma parte de prata pura na exata proporção que entra na liga 18 quilates. Nesse anel eu estou trabalhando com os três metais no seu estado puro e eles vão realmente amassar, vão marcar, então seu anel vai marcar de uma maneira e o meu anel vai marcar de outra, ele vai se impregnar da nossa identidade.

14:42 homem: Tá vendo olha, feche os olhos. Pode abrir...

TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA ANTONIO BERNARDO}

14:50 mulher: ah obrigada.

14:52 homem: você não viu.

14:57 mulher: lindo Benjamin, é todo de brilhante.

15:02 homem: ele fica lindos em você .

15:06 Adélia: desde o início peças de Antonio Bernardo vem sendo usadas com frequência em novelas de televisão, em filmes e em shows. Seguramente ele não teria essa visibilidade não fosse a consistência e a contemporaneidade do seu trabalho e essas características estão presentes desde nas peças mais simples, até naquelas que tem uma presença cênica mais forte.

15:40 Antonio Bernardo: as pedras eu uso pela sua cor e também pelo seu brilho. As pedras são muito interessantes porque são minerais naturais. Então são encontradas na natureza e depois lapidados.

15:54 Dizem que não existem duas pedras iguais. Então, cada pedra também tem a sua personalidade e eu procuro explorar isso. e cada uma te fascina por uma...por uma questão que eu diria até que é subjetiva. Você pode até tecnicamente dizer: não, eu vou fazer uma seleção absolutamente técnica, vou ver cor, padrão, lateração, vou ver isso, isso, isso e isso. você pode fazer uma escolha mas a escolha verdadeira é feita com o coração.

16:28 As mais raras e caras são o diamante, o...a safira... a esmeralda...são classicamente as mais caras. Mas tem algumas pedras de uma outra categoria, por exemplo a Turmalina Paraíba que agora tá muito em voga, é uma pedra que pode atingir preços altíssimos.

16:59 Túlio Mariante – curador de design do MAM-RJ: essa exposição que eu fiz aqui no MAM é uma exposição que homenageia a madeira que a meu ver é a matéria prima mais importante na história do design. e entre os designers que eu convidei pra participar da exposição eu convidei Antonio Bernardo com uma linha de joias que ele fez com madeira, o que é uma coisa única na carreira dele porque ele sempre foi dedicado as pedras, ao ouro, a prata.

17:29 Antonio Bernardo: hoje em dia a madeira, no meu entender, é também um material precioso. E aí eu comecei a explorar o que que a madeira tinha pra me oferecer e criei algumas peças.

17:41 Aqui eu estou criando um contraste entre a madeira e o metal, no caso a prata contrastando a frieza do metal com o calor da madeira. E a bengala foi o que iniciou isso tudo. A bengala já existia e o Fernando e o Roberto pediram que eu fizesse uma intervenção da bengala, justamente na parte da pega. Tradicionalmente é a parte mais ornada da bengala.

18:27 Desde os anos 80...que eu tenho registrado assim as peças que eu criei e atualmente elas já estão em número mais ou menos 5.000 e...5.000 e pouco. Então, todo ano eu produzo entre 60 e 80 peças novas.

18:48 Além de eu fazer as joias, fazer o design e tal, se eu criar um ambiente também de acordo com isso eu vou estar...estar dando ao meu cliente ou a pessoa que presta atenção ao meu trabalho, todo um entorno interessante. As comunicações que são de datas comerciais normalmente elas não abordam a joia, elas são uma comunicação direta com o cliente, não tem nada a ver com a joia. Eu quero que a pessoa saiba o que que eu... o que que eu estou pensando, o que que a minha empresa esta pensando. Nós até fazemos um catálogo, onde nesse catálogo a gente mostra as joias.

19:28 Uma profissional que já trabalha há muitos anos, é a Márcia Cabral e nós já temos um diálogo assim muito de entendimento.

19:39 Márcia Cabral – designer gráfica: eu não preciso toda hora ficar fazendo uma deferência à joia. Ele entende que o pote deve ter um outro registro. Então por exemplo, esse material aqui também é simplérrimo; a pessoa faz aniversário e ganha parabéns. Então o que a gente faz é no universo gráfico procurar trazer esse...esse espírito, esse universo do Antonio. O Antonio é uma pessoa absolutamente fascinada com a sensação de movimento e isso, seja um movimento extensivo, movimento das formas, seja um movimento intensivo que é a sensação de perda de percepção.

20:19 Antonio Bernardo: eu vi um biombo que tinha a seguinte característica, ele tinha uma peça... que era presa em outra peça, então ele se movimentava mas ele não saia e...comecei a imaginar um objeto que tivesse essa característica de estar preso e ao mesmo tempo solto com uma certa flexibilidade. A primeira peça que nós fizemos foi essa peça aqui em prata, que já tinha essa característica mas eu achei que o movimento não era suficiente pra o movimento que eu queria. Eu achei que era porque eu tava trabalhando com fio e que eu deveria trabalhar com chapa e dar uma angulação como eu tinha dado a angulação naquele protótipo. Então fizemos em chapa e aqui já começou a surgir o interesse por que, porque a peça se a pessoa usasse essa pulseira ela hora estaria côncava, hora estaria convexa e então teria essa graça, esse interesse mas ainda assim achei o movimento pequeno. Então, eu imaginei que talvez essas hastes deveriam ser mais estreitas e achei também que em forma de chapa ia ficar um pouco bruta, então achei que ficaria mais leve e em forma de fio. E chegou a peça que já estaria próxima do que seria o próprio modelo, então feita de fio, um fio mais estreito do que aquela chapa tendo esse efeito de côncavo e convexo.

21:57 Eu sou um cara alto... então sou grande assim de tamanho fazendo objetos muito minúsculos, muito pequenos e comecei a pensar e como seria se eu ampliasse essas peças?

22:12 E um dia eu fazendo um brinco eu imaginei que esse brinco podia se transformar numa escultura e realmente eu fiz ele num tamanho maior, e fiquei muito satisfeito com o resultado. A Lúmine desenvolveu então uma luminária a partir daí, com grande sucesso.

22:32 A partir daí isso me animou a experimentar outras coisas que não fossem joias.

22:43 Essas peças são dois protótipos que fazem parte da minha pesquisa de ampliar a escala do meu trabalho e eu estava trabalhando com uns fios e dei essa forma em que eles ficavam suspensos e quase se juntavam e eu achei interessante essa ideia de quase se juntar e numa certa ilusão de ótica que você procura onde está o apoio e você não encontra o apoio. Então você olha pra cá, olha para lá e parece que isso tá magicamente suspenso no ar. Não é verdade, ele tá toda apoiada e ela é construída com um fio só, mas ela dá essa inquietação, provoca uma reflexão, provoca um pensamento e eu gosto disso.

23:33 Estou restaurando as possibilidades, porque quando você cria você cria. Aquilo pode ser uma joia, aquilo pode ser uma escultura, aquilo pode ser um móvel, aquilo pode ser um utilitário, pode ser...pode ser qualquer coisa. A criação ela não...não...não tá restrita à criação de uma forma ou a imaginação de uma forma ela não tá restrita àquele universo. Claro que eu trabalhando muitos anos com joia é a primeira coisa que eu penso, mas eu agora estou desdobrando em outras...outras possibilidades porque eu percebo que a forma é a forma, pode ser uma joia, pode ser um móvel, pode ser um objeto, pode ser uma escultura. (pausa) **(final do programa).**

24:30 Créditos Finais